

## AS DÍVIDAS DA CIÊNCIA

MANOEL BARBOSA DE LUCENA

DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA - UFRN

“É politicamente pobre o cidadão que somente reclama, mas não se organiza para reagir, não se associa para reivindicar, não se congrega para influir” (Pedro Demo)

1 - A pobreza é uma condição criada. Produzida. Mantida. Conservada. Multiplicada. É um fenômeno de exclusão do “ter”. É ser impedido de “ter”.

A pobreza é a escola do fiel, do carente, do necessitado, produzindo necessidades e carências, manifestações da mesma pobreza.

A pobreza é o “não ter” subserviente que se “causa circular e cumulativamente”.

A pobreza é o objeto de táticas e técnicas de controle e dominação, é indústria que se cultiva nas secas, nas crianças de rua, nas “cestas básicas”...

A pobreza é histórica e estrutural, mas apresentada como resultante de crises momentâneas e conjunturais e, por isso mesmo, tratada com políticas compensatórias e inadequados assistencialismos... uma agressão à cidadania.

A pobreza do “não ter” relega à margem a pobreza do “não ser”. Sim, porque o verdadeiro pobre nasce de repressão ao saber, ao “não ser”.

2 - Ora, a neutralidade científica é por si só ideológica. A Ciência, pretensamente intérprete da realidade, tem construído o relevante para a estrutura dominante, simplificando fenômenos e os manipulando. A pobreza é uma das suas conseqüências, pois “se estudar a pobreza não leva a resolvê-la, é porque man-

ter a pobreza faz parte da produção científica”<sup>(1)</sup>

3 - O combate à pobreza é igual à “indústria da pobreza, e os milhares de pobres, em redes de TV e/ou em programas ao vivo agradecem aos “poderosos” a sua manipulação. O principal fator da fabricação da miséria é a sua manobra política, cardápio fácil de candidatos que se revezam no poder, construindo palácios e castelos familiares e econômicos.

A carência é o meio mais imediato de manipulação. Por isso, o Nordeste é mantido pobre, apesar das políticas contra a fome. O mal é adiado, com alimentos que conseguem manter a esperança dos desiguais e dos pobres.

Os tíquetes de leite, óculos e dentaduras, sacos de cimento e “cestas” compram a pobreza, transformando os necessitados em miseráveis.

Os programas de TV e Rádio, reunindo “pobres” e “necessitados”, constituem um processo de repressão do acesso a vantagens sociais relevantes.

4 - É que à pobreza material se associa a pobreza política. É como se a Ciência não valorizasse a sua qualidade política, atendo-se unicamente às leis invariáveis e universais, rescaldo de formais dimensionamentos positivistas, assépticos e frios, calculistas e dogmáticos.

O cerne político da pobreza resgata o processo, dando-lhe a sua verdadeira dimensão histórica, a dimensão do “ser”.

5 - Esta sociedade bipolar é repressiva contra os deserdados da terra. É um domínio que reprime, espezinha, avassala, num tempo disfarçado em afluência e liberdade.<sup>(3)</sup>

As promessas estão nos palanques oficiais e oficiosos, disfarçados em ilusão, mas travestidos de esperanças. Entretanto, o conluio dos poderosos (da comunicação, da riqueza, do poder, da terra, etc.) torna-se sempre mais objeto de uma administração que a todos absorve: seus crimes são transformados em empresa racional, suas palavras representam ordens, suas esmolas significam solidariedade e amor fraterno, a todos conservando objeto de uma anestesia geral.<sup>(3)</sup>

6 - O desenvolvimento da sociedade humana não pode reduzir-se à satisfação das carências materiais, satisfação do “ter”, pois a pobreza possui características essencialmente políticas, carências do “ser”. E a participação é o fator mais qualitativo da

construção da história humana na construção do “ser”.

7 - A pobreza não é a carência material, ou até a sua injusta distribuição. Não é aquela que existe, embora apareça, mas seus aspectos políticos, numa degradação da própria sociedade. Ou mais, é a carência do “não ser” produzindo o “não ter”.

8 - Os pretensos representantes políticos cultivam a pobreza, alimentando-se para se “alimentarem”, através de políticas clientelistas seculares:

- a) manutenção da inconsciência;
- b) assistencialismo como regra, gerando dependência;
- c) conservação de lideranças por manobras eleitoreiras (campanhas políticas);
- d) reserva de mercado para políticas sociais para os pobres;
- e) apropriação do Estado;
- f) impotência da população, sem informações, amorfa, esperando a cidadania como uma concessão;
- g) manipulação da informação;
- h) políticas residuais, manipuladas e compensatórias, na indústria da miséria;
- i) crimes nefandos contra o processo de organização, com a criação de associações atreladas, sem qualidade política;
- j) políticas de “participação”, fantasiando democracias.

9 - A Ciência, ela mesma, se torna um instrumento da dominação. Ciência dos poucos “iguais” contra os muitos “desiguais”. Seu objeto construído não pressupõe o diálogo, mas representa a palavra indiscutivelmente dogmatizada, porque alicerçada na visão das realidades formais e logicamente sistematizadas, próprias das ideologias alimentadoras da pobreza. É a ciência construída para o “ter”.

10 - Resgatar a Ciência, este parece ser o papel da Filosofia na contemporaneidade. E aos cientistas, como elite, elite intelectual - o de desvincular-se dos blocos econômicos e políticos que dominam a sociedade, garantindo e dignificando a verdade a serviço do povo, a serviço do “ser”.

Não me refiro àquela Ciência dogmatizada nos últimos séculos pelos critérios formais e matemáticos, embasada em metodologias e técnicas positivo-quantitativas rigorosas,

mensuráveis e quantificadoras, mas a uma Ciência que, construída sobre pilares de competência instrumental e técnica formais, a elas não se limite, porém se complete nos aspectos humanos, seja, uma Ciência do Homem e para o Homem, de conteúdos políticos a serviço da totalidade e nesta, dos desiguais. Nada de obsessão formal. Nada de exatas medidas quantitativas, fora do que tudo é falso. Nada de exatidão. Um pouco de cada, sim, que se mistura às identidades culturais, às políticas, à vida cotidiana, à cidadania, à felicidade de cada um...

11 - Nesta perspectiva, o objeto a ser construído pela ciência é o homem todo, o real e o pensado, o ontológico e o lógico, em contínuo processo.

12 - Desprezadas ou pelo menos suspensas sejam as avaliações puramente quantitativas ou quantificadoras, espelhadas em balanços econômicos e financeiros, de caráter ufanista e até neurótico, de cunho dogmático irrefutável, sobrepondo-se a tudo e a todos, alimentados por ciências denominadas contábeis e exatas, de cunho ideológico puramente capitalista, material-financeiro, dogmatizando meios e sufocando os objetivos para os quais foram e são construídas. São puramente ideológicas, pecando por sua irreverência à Verdade. São puramente iguais numa sociedade de desiguais, abjetas ao diálogo e ao confronto.

13 - Serão os índices econômico-financeiros suficientes para refletir a realidade sócio-econômica? Os ideais positivistas os consagraram, a serviço dos negócios. A Economia os transformou em paradigmas, sem o que tudo seria questionado. Para eles e em função deles, políticas se implantaram, índices, códigos e programas foram criados, políticas para desenvolver o homem no trabalho se intensificaram, na busca dos lucros, início e fim de todo o processo. Desenvolveram-se formas e meios, eliminando-se movimentos inúteis e cargas excessivas na empresa, condições e segurança no trabalho, tudo a serviço da quantidade. Técnicas de Relações Humanas são aperfeiçoadas, programas de indução são introduzidos, tornando até agradável o lugar do trabalho, tudo em função de resultados. Fala-se em “nova empresa”, transitando com “marketings”, estratégias e “qualidade total”, a serviço de lucros e quantidade, em novas “re-engenharias”.

14 - A Ciência não se reduz a quantidades. As avaliações

de um processo não podem ser apenas uma fotografia de resultados quantitativos e lucros, a formas e regras lógicas, como se a realidade fosse feita apenas de números, valores quantitativos, formas lógico-matemáticas e resultados econômico-financeiros. Isto significaria uma visão autoritária e ufanisticamente condicionada, ideologicamente imposta a um mundo de homens e mulheres que por essência, é desigual. E nisto está a sua riqueza.

- III -

15 - As políticas de governo, de governos que apenas pensam no "ter", são formadas dentro deste paradigma nefasto para a sociedade. Nossos Governos não mostram (e não mostram porque não sabem, e não sabem porque não lhes é interessante) índices de qualidade, reduzindo-se sua ação a números e valores, crescimentos percentuais e quilômetros, metros e distâncias, nada mais. O desenvolvimento do "ser" participativo e político é marginalizado, o "saber mais" é manipulado, a comunicação é filtrada e truncada, impossibilitando à população a melhoria da qualidade da cidadania.

Tais Governos, produtos de valores quantitativos e soma dos custos financeiros de grupos econômicos, apresentam-se como provisionadores da verdade, definidores de políticas e soluções definitivas. Sua linguagem é fechada e dominadora, avessa a qualquer crítica, antidualética, anti-histórica, linguagem que não explica, apenas comunica decisões, numa "fala" própria dos regimes autoritários. Decide sobre nossos destinos e nossas vidas, numa linguagem manipuladora, funcionalista e quantificante.

Suas avaliações são meramente positivo-funcionais. Seus comportamentos, ufanistas e autoritários, apresentando-se sempre entre músicas, fogos e discursos, iludindo a quantos aspiram a um melhor padrão de vida e à realização pessoal e coletiva.

16 - Entretanto, as aspirações humanas não são na sua essência quantitativas e medidas em valores financeiros e econômicos: estes são meios para os verdadeiros objetivos da sociedade, expressos numa palavra do povo, a felicidade.

## - IV -

17 - Nossas Universidades e Escolas se prendem igualmente a critérios formais e numéricos, expressos em notas que avaliam alunos, como se estes fossem “robots” sem alma tornando este processo pelo menos suspeito. E por isto, são obrigados a reproduzir o que os outros falam, a repetir o que escrevem outros, numa cópia da sociedade quantitativa imposta ao ser humano.

18 - Tudo isto é pobreza. Em que evoluiu a Ciência? Não seria melhor, sob alguns aspectos, ou sob estes aspectos aqui analisados, falarmos de uma involução?

19 - Ora, a totalidade é por natureza dialética, e sua alma é a antítese, de múltiplos condicionamentos, feita de objetividades e subjetividades. A realidade natural é determinada, dentro do rígido esquema de causa e efeito, independentes da vontade humana. A realidade social porém é condicionada, e são os condicionamentos históricos que fazem a vida concreta, no dia a dia do tempo.

20 - O processo de participação, construção do “ser”, é o norte da história humana; a ele estão submetidos números e quantidades, valores quantitativos e rígidos controles matemáticos.

A participação ou valor qualitativo requer diálogo, e diálogo é uma fala de contrários. No falar dos prepotentes (e aqui se colocam Governos, Professores e todos os esquemas totalitários de avaliação quantitativa) não há comunicação, mas monólogo. No diálogo, prevalece a contrariedade, na dicotomia de atores essencialmente dialéticos.

## - V -

21 - Karl Marx, em “*O Capital*”<sup>(2)</sup>, tentou dar à história o caráter necessário-positivista das leis físico-naturais, quando se referia às “relações de produção e troca”, falando de relações necessárias e independentes da vontade do homem, subordinando a vida intelectual à determinação material.

A Escola de Frankfurt, apresenta uma postura frente ao marxismo, rejeitando o determinismo histórico e excessivo.

22 - O empírico ou o “ter” não pode ser o único critério de cientificidade ou de análises processuais.

**23** - Como reação aos excessos da dedução especulativa, nascida na filosofia grega e presente no continente europeu durante séculos, a indução empírica consagrou a experiência como critério da cientificidade. Se aquela pecou pelo subjetivismo, nosso século se vê hoje sufocado pelo empírico, alimentador de uma pretensa ciência objetiva e evidente, pensando ter superado a própria filosofia. O utilitarismo é seu filho primogênito, hoje, numa sociedade puramente quantificante e materialista.

**24** - O fim da ciência é proporcionar a felicidade humana, nos seus desafios, sentimentos, emoções e desejos; nos seus valores e juízos, na sua consciência e organização, nas suas carências e necessidades, no seu desenvolvimento participativo-político.

**25** - Os índices de desenvolvimento não podem ser medidos somente pelo poder de compra, por lucros auferidos ou por renda "per capita". A participação nesse processo é insubstituível, eliminando-se o caudilhismo intelectual e/ou econômico, a serviço do desenvolvimento.

A qualidade ou a construção do "ser" é um índice necessário nesta avaliação, qualidade das pessoas, qualidade do sistema educacional, base da cidadania, necessitando-se construir o sujeito histórico, hoje "massa de manobra".

**26** - Os tratamentos assistenciais do Estado, distribuindo migalhas e aprisionando consciências, as salas de aula que abrigam os "sem mente", recebendo receitas e modelos autoritários de interpretação, as avaliações de desenvolvimento meramente quantitativas, refletidas em Balanços econômico-financeiros de empresas ou do Estado, tudo se gera no círculo vicioso de projeto castrador e manipulador de consciências, gerando "leis" (entre aspas) que representam apenas o consórcio de forças políticas e econômicas, na manutenção de estruturas clássicas de privilégios.

**27** - Tudo gira em torno do "ter" e, por isso, a qualificação da pobreza associada ao "não ter".

**28** - Somos pobres quando "não somos": é o "não ser", gerando a não participação e a própria pobreza material.

A pobreza é antes de tudo política, para posteriormente ser associada à "não posse" de bens materiais.

Ser pobre é "não ser", ser pobre politicamente: é o "não

saber”, é a fome de participação, é a não construção da “qualidade política”, é não ser cidadão.

Num mundo de “pobres”, de explorados e injustiçados, marginalizados e sem voz, uns poucos supostamente “mágicos”, detentores de soluções, proprietários da verdade, manipuladores de opinião, se assemelham a aves de rapina de multidões de consciências alienadas, famintas do “ser”, nas ruas esquecidas da vida...

Buscamos uma nova Ciência, um novo conhecimento que nasce livre de amarras quantificantes e lucrativas e que gera a cidadania do “ser”, contra os horrores do “não ter”.

Nossos pobres serão outros, e o “não ter” não será mais o critério de pobreza.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Pedro Demo, - *Metodologia Científica em Ciências Sociais* - Atlas, 2ª ed. São Paulo, s. ed., 1992.
2. Karl Marx, - *Contribuição para a crítica da Economia Política*, Lisboa, s. ed., 1973.
3. Hebert Marcuse, - *A ideologia da sociedade industrial*, 6ª. ed., Rio, Zahar Editores, 1978.